



# Colóquio de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2011)

Aline Lourenço de Oliveira<sup>1</sup>

[aoliveirah@gmail.com](mailto:aoliveirah@gmail.com)

Daniel Carvalho de Rezende<sup>2</sup>

[danielderezende@ufla.br](mailto:danielderezende@ufla.br)

Cleber Carvalho de Castro<sup>3</sup>

[clebercastro@ufla.br](mailto:clebercastro@ufla.br)

## A EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE NA GESTÃO DAS REDES ORGANIZACIONAIS

As redes organizacionais têm sido recorrentemente pesquisadas no âmbito dos Estudos Organizacionais, e a fim de contribuir com esta corrente de estudos este trabalho apóia-se nos preceitos epistemológicos da Teoria da Complexidade para suas análises. O objetivo do ensaio teórico é analisar as contribuições que a epistemologia da complexidade pode dar a gestão das redes organizacionais. O crescente interesse pelas redes organizacionais (BALESTRIN ET AL., 2010; BORGATTI; FOSTER, 2003) decorre de três fatores primordiais: a) a mudança de enfoque estratégico da gestão organizacional, que saiu da esfera estritamente comercial e competitiva para a de cooperação e desenvolvimento conjunto; b) as possibilidades de comunicação e comercialização que as novas tecnologias da informação trouxeram ao ambiente de negócios; e, c) o aparato conceitual e metodológico desenvolvido pela academia com o objetivo de melhor compreender o fenômeno (NOHRIA, 1992). Castells (2007), entretanto, lembra que a arquitetura de rede não é algo recente, pois, no leste asiático, redes de empresas são tradicionais na cultura de países como Japão, Coreia e China e foram responsáveis pelo desenvolvimento destas nações. O que ocorre é que o momento atual, no qual as distâncias são relativas, a comunicação e o deslocamento são mais fáceis do que foram no passado, o formato da rede tem sido privilegiado. De qualquer forma, a vida econômica está imersa nas relações sociais (GRANOVETTER, 2007), o que significa que as ações econômicas são influenciadas pela rede de relações interpessoais em que o agente está envolvido. Esta ideia remete a um emaranhado de ações, interações e reações em torno na organização da atividade humana, o que confere-lhe uma complexidade inegável. Esta complexidade denuncia as limitações dos padrões de investigação e análise estáticos e conservadores e evidencia a necessidade de caminhos alternativos de estudo que permitam compreender de forma mais completa a realidade social vivida na sociedade atual. Diante dos entraves colocadas pela Ciência Clássica, a cultura contemporânea catalisou a formação de novas ciências e novas perspectivas sobre as ciências, como o pensamento complexo, cuja abordagem propõe reconhecer a intrincada realidade em que vive a humanidade e seus sistemas de organização (SCHNITMAN, 1996). A epistemologia da complexidade tem suas raízes associadas ao pensamento epistemológico de Gaston Bachelard, mas foi por meio do trabalho de Edgar Morin que ganhou projeção (FRANCELIN, 2005). A epistemologia da complexidade se caracteriza por não restringir-se pelos limites do reducionismo e do determinismo e por ser uma forma de olhar a realidade aberta, livre de princípios rígidos.

---

<sup>1</sup> Professora no Instituto Federal de Minas Gerais, campus Bambuí, e Doutoranda em Administração na Universidade Federal de Lavras

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal de Lavras

<sup>3</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal de Lavras

Reconhece que a construção, a desconstrução, a reprodução e o desenvolvimento do conhecimento estão impregnados pelo conhecimento do observador que os concebe, e reconhece a complementaridade nos antagonismos, ou seja, aceita a relação e a complementação mútua de posições opostas e contrárias (FRANCELIN, 2005). Serva, Dias e Alperstedt (2010) destacam que estudar a complexidade permite mitigar pontos cegos da teoria organizacional vigente, que no caso das redes é um fator interessante, uma vez que suas características atribuem-lhe caráter fortemente interdisciplinar, ancorados em perspectivas filiadas às várias correntes de pensamento. Oliveira, Soares e Rezende, (2008) entendem que a Teoria da Complexidade é capaz de contribuir com a análise tanto do contexto no qual as redes surgem quanto dos seus intrincados relacionamentos internos. Para os referidos autores, a Teoria da Complexidade permite perceber e relacionar a essência das redes organizacionais às características sistêmicas, hologramáticas, retroativas, recorrentes, autoeco-organizadas e dialógicas dos sistemas complexos. Assim, consideramos que entender as redes como sistemas complexos permite preparar gestores para trabalhar com suas peculiaridades. Pois, para gerir um sistema com este perfil é preciso entender que o planejamento de longo prazo é difícil, pois não é possível determinar e muito menos controlar o seu comportamento, assim como é difícil assegurar que os resultados satisfaçam a todos e que haja apoio coletivo a um ponto de vista ou a uma decisão. Isso pode parecer um complicador para a gestão, mas, na realidade, é fonte de novas ideias, além de minimizar equívocos em decisões. A cooperação espontânea é outra propriedade dos sistemas complexos e o desejo de estarem unidos, buscando objetivos comuns, faz com que tenham uma tendência a permanecer juntos, mesmo diante de adversidades. A coesão do sistema é um ponto forte que ajuda a união ao longo do tempo. A gestão de uma rede também pode se beneficiar se a capacidade de auto-organização do sistema for reconhecida como vantagem e for potencializada. A auto-organização permite que a rede se adapte de forma dinâmica e inteligente, mantendo a coerência de suas experiências sem perder a capacidade de inovar. O reconhecimento do comportamento complexo e adaptativo leva a uma nova visão da ação, abandonando a atitude prescritiva e controladora e aceitando a condição emergente, o que favorece desempenhos gerenciais mais eficientes e o alcance de resultados organizacionais mais próximos do desejado. Com esta abordagem, abre-se a oportunidade para as reflexões acadêmicas infinitas possibilidades. Epistemologicamente, ela permite ver as organizações como essencialmente complexas, o que torna toda ordem de inter-relações possíveis. Rompe com a dicotomia objetividade/subjectividade e insere o sujeito tanto no contexto de construção das realidades como também na construção da produção científica, além de insinuar a possibilidade da transposição dos limites da abstração convencional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rede, Complexidade, Gestão

## **REFERÊNCIAS**

BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J. R.; REYES JUNIOR, E. O campo de estudo sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil. **RAC**, Curitiba, v. 14, n. 3, art. 4, pp. 458-477, Mai./Jun., 2010.

BORGATTI, S. P.; FOSTER, P. The network paradigm in organizational research: a review and typology. **Journal of Management**. n. 29, v.6, pp. 991-1013, 2003.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. In: **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 1. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Tera, 2007, 698p.

FRANCELIN, M. M. **Abordagens em epistemologia**: Bachelard, Morin e a epistemologia da complexidade. *Transinformação*, Campinas, 17(2):101-109, mai/ago., 2005.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAE-eletrônica**, v. 6, n. 1, Art. 9, jan./jun. 2007.

NOHRIA, N. Is a network perspective a useful way of studying organizations? In: NOHRIA, N.; ECCLES, R. G. **Networks and organizations**: structure, form, and action. Boston: Harvard Business School Press, 1992, p.1-17.

SCHNITMAN, D. F. Introdução: ciência, cultura e subjetividade. In: SCHNITMAN, D. F. (org.) **Novos Paradigmas, cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Arte Medi, 1996.

OLIVEIRA, A. L.; SOARES, A. S.; REZENDE, D. C. Redes Interorganizacionais: uma visão a partir da Teoria da Complexidade. In: **V SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, 2008, Resende/RJ.

SERVA, M.; DIAS, T.; ALPERSTEDT, G. D. Paradigma da complexidade e teoria das organizações: uma reflexão epistemológica. São Paulo: **RAE**, v. 50, n. 3, jul/set. 2010, 276-287.